



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8808 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

A relação pedagógica entre indivíduo e sociedade na obra de José de Souza Martins
Marcos Marques de Oliveira - UFF - Universidade Federal Fluminense

A relação pedagógica entre indivíduo e sociedade na obra de José de Souza Martins

A hipótese principal que atravessa esta investigação, que toma como objeto de estudo a obra sociológica de José de Souza de Martins, é de que o confinamento inicial da contribuição do respectivo pesquisador paulista aos "contextos rurais", como afirma Navarro (2018, p. 46), foi meramente estratégico, já que suas preocupações investigativas ensejam uma busca maior e mais significativa sua, que ultrapassa os rótulos de uma sociologia tópica – e que esta na tentativa de "explicar sociologicamente a sociedade brasileira", a partir de um ponto de vista epistêmico singular e genuíno, que pode ser intitulada como "uma sociologia cultural dos simples".

E que foi traduzida desta maneira pelo próprio Martins:

O que dá unidade a minha obra é a investigação da historicidade nas diferentes manifestações da vida social, isto é, a identificação das condições e fatores da mudança social nos diferentes âmbitos da realidade, mesmo na realidade mínima e cotidiana [...]. Oriento-me pela identificação do que é histórica e concretamente possível e dos obstáculos e cerceamentos à sua manifestação e realização. Dou continuidade, numa perspectiva peculiar, ao que foi o centro das preocupações teóricas e empíricas da chamada "Escola Sociológica de São Paulo", que teve em Florestan Fernandes o centro e a referência [...]. Basicamente, interrogo a história e o possível que se escondem no cotidiano, no banal, no repetitivo e nas meras formas do aparente (MARTINS, 2013c, p. 40).

Segundo Martins (2018a, p. 10), a cronologia de vida dos simples é estendida por um longo e lento tempo de formação, em tramas compostas por acasos impensáveis, cheias de encontros e desencontros, fazendo com que esta gente seja empurrada pela História adentro – e vida afora. Destas vidas, com a ajuda dos sociólogos e de outros cientistas sociais, é que podem surgir "narrativas" que servirão, acima de tudo, de crítica brutal à sociabilidade hegemônica dos poderosos, cujos discursos tendem a não reconhecer nos pobres, trabalhadores, imigrantes e migrantes – nos homens simples – o protagonismo histórico. Narrativas, portanto, que busquem claro direito de reivindicar nesta sociedade um lugar de reconhecimento e, sobretudo, de participação nas suas decisões coletivas (MARTINS, 2018d).

Em sua visão panorâmica sobre a produção sociológica de José de Souza Martins, com o exame de livros e artigos publicados até 2015, Navarro (2018) apresenta *três grandes fases*, que se não traduzem "cortes epistemológicos" abruptos, expõe ênfases e circunstâncias que diferenciam momentos que podem contribuir para o melhor entendimento de sua vasta obra – que, na pretensão do analista, se equipara ao o brilhantismo alcançado, na França, por

Pierre Bourdieu, com seu sofisticado projeto sociológico de *desvendamento da essência dos processos sociais*.

Bourdieu procurou e Martins procura determinar, em especial, os imperativos culturais das práticas sociais com base em arquiteturas sociológicas de imensa criatividade analítica. Outras semelhanças são a incomum variedade dos dois autores e, também, o volume da produção científica, igualmente excepcional nos respectivos ambientes acadêmicos. Ou então um mesmo imperativo metodológico fundador de ambas as sociologias: a radical centralidade de uma interpretação que exige preliminarmente sólidas evidências – afinal, “a Sociologia é inviável sem a pesquisa empírica, pois é na pesquisa empírica que as inovações teóricas se propõem”, enfatizou Martins. Tanto em Bourdieu como em nosso autor há a valorização constante do trabalho de campo, do levantamento rigoroso dos dados e da busca incessante por fatos da realidade que sustentem os pressupostos de seus respectivos arcabouços de análise (NAVARRO, 2018, p. 48).

Não fosse a língua, sustenta Navarro (2018, p. 48), dada a coerência explicativa e teórica em cinco décadas de disciplinado esforço de produção para o seu empreendimento de uma "primordial teoria da sociedade brasileira", Martins já poderia estar posicionado no rol "dos maiores cientistas sociais de todos os tempos".

Mas, para o que nos interessa aqui, é relevante destacar que a primeira fase da produção sociológica do autor em foco, segundo Navarro (2018), inicia-se na segunda metade da década de 1960 e termina no final da década de 1970. Cobre, portanto, o período de formação básica do cientista social José de Souza Martins, então egresso de um Curso Normal de Ensino Médio (na denominação atual), as suas passagens pelo mestrado (1966) e doutorado (1970) na USP. E concluindo com a consolidação de seu vínculo empregatício como professor e pesquisador de Sociologia na mesma universidade – atuando junto ao grupo original da "escola paulista" capitaneado por Florestan Fernandes, colaborando, especialmente, no projeto "Economia e Sociedade no Brasil, que abriu portas, entre outros, para dos mais qualificados cientistas sociais que o país já teve: Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni.

Os objetivos do estudo de Martins refletiam as metas do projeto maior: estudando a “crise do Brasil agrário”, o autor acentuou que “as suas várias dimensões não podem ser adequadamente condicionadas em esquemas dualistas como rural-urbano, tradicional-moderno, etc., pois perpassam tanto a constituição e preservação dos padrões de sociabilidade como os do bairro rural, quanto a acumulação capitalista, a gênese da industrialização e as novas modalidades de dependência externa” (NAVARRO, 2018, p. 50).

Pesquisando a transição do trabalho escravo para o "livre" regime de colonato, entre 1877 e 1910, na região que forma atualmente o município de São Caetano – seu local de moradia familiar original – Martins apresentou as condições singulares do periférico capitalismo brasileiro, em que a faceta essencial do processo migratório (substituto do regime de escravidão) foi o acesso restrito à propriedade da terra pelo camponês migrante, que assim se viu obrigado a vender sua força de trabalho à grande lavoura (diverso do que ocorreu nas experiências "modelares" de reforma agrária, em outros cantos do mundo).

Segundo Navarro (2018, p. 51), é esta proposição que está na origem da tese geral de *O Cativo da Terra*, livro considerado por Martins como a sua obra mais importante – e na qual ele ensaia a sua "explicação sobre o capitalismo brasileiro", cuja marca é uma “transição vagarosa, extraviada nos atalhos de inovações sociais e econômicas tópicas, que nos permitem ser o que não somos e chegar aonde não podemos” (MARTINS, 2018b, p. 10).

Na fase seguinte, entre o início dos anos 1980 até 1994, a obra sociológica de Martins se imbrica com as dificuldades de nosso longo processo de redemocratização. Nesse particular, destaca-se a participação de Martins como assessor da Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil (CNBB) nos debates que retomaram a bandeira da reforma agrária sob um novo prisma. Não mais como um mecanismo de redistribuição de propriedade rural aos moldes dos princípios liberais, mas, como assevera Navarro (2018, p. 58), como um "combustível político" dos movimentos anticapitalistas, articulando elementos conservadores e supostamente revolucionários sob um mesmo paradigma crítico e "alternativo à exploração" burguesa – com base no pressuposto de a terra deve ser possuída "por quem nela trabalha".

Segundo Navarro (2018, p. 57), se os textos fundamentais que expressam esta articulação, então inédita (ou quase), entre a "esquerda agrária" e os "religiosos progressistas" tem marcas da reflexão martiniana, também não se deve desconsiderar as críticas que José de Souza Martins fez à "insuficiência" programática dos partidos políticos – inclusive os de esquerda – na compreensão da dinâmica social do Brasil rural.

Ou seja, houve, de um lado, admiração pelo texto por sua "coragem" de problematizar com setores políticos, e surpresa ante as informações factuais ali registradas. Mas também, de outro lado, houve inquietação pela crítica ao campo da esquerda, posicionamento esse que a maioria dos acadêmicos, posteriormente, preferiu ignorar. Reinava na ocasião entre eles uma apologia infantil às classes populares, e o que Martins escrevia seguia outra partitura, fruto de suas pesquisas empíricas: "Os trabalhadores rurais se torna[ra]m protagonistas do imaginário épico, mas não se tornaram protagonistas diretos do processo histórico, apenas indiretos, mediados por interesses e possibilidades diversos dos seus – ou dominados ou tutelados" (NAVARRO, 2018, p. 58).

O relevante, neste momento de apresentação da nossa pesquisa, no entanto, é recortar a principal lição que o sociólogo paulista tirou dessa sua intensa experiência de militância, em colaboração com os setores tidos como "progressistas" da Igreja Católica, que se revelou em uma profícua atividade de pesquisa sobre os "rincões rurais" mais distantes de nossas fronteiras agrícolas.

[O]s bispos, padres e freiras, os agentes de pastoral com que passei a ter contato em várias regiões, houvesse ou não na igreja local uma pastoral da terra, eram dotados de uma rica experiência de convivência com os sertanejos e índios [...]. São tradutores culturais da matéria bruta, tradução que permite transpor a narrativa popular da compreensão vivencial para a compreensão sociológica. Nesse sentido, constituem ordenadores do material, da instância empírica, que faz da Sociologia uma sociologia do conhecimento de senso comum (MARTINS, 2013c, p. 277).

Nesta nova fase, portanto, marcada por uma profusão de livros e artigos com dados e reflexões recolhidas a partir de uma atividade de pesquisa empírica intensa do autor nas chamadas regiões de "fronteira agrícola em expansão" (especialmente no Centro-Oeste, na Amazônia e estados como o Maranhão e Tocantins) – sem deixar, portanto, de estar centrado nas questões agrárias deste país periférico do capitalismo – o nosso autor em foco vai, gradativamente, deslizando por uma perspectiva mais ampliada sobre as formas de manifestação das "mentalidades do homem comum", a começar por uma nova compreensão do fenômeno religioso em terras brasileiras, mas sem reduzi-lo às análises políticas abstracionistas, que tendem a desconsiderar sua relevância para a melhor compreensão do cotidiano das populações camponesas e, ainda, de dos outros extratos populares.

Desta forma, reedita a anterior hipótese de que o capitalismo, em sua expansão, além de redefinir antigas relações subordinando-as à reprodução do capital, também engendra relações não capitalistas *funcionais* à manutenção renovada do sistema (MARTINS, 2018b), mas agora avançado sobre outras temáticas que incluem, mas não se restringem, às questões agrárias – e, o que é mais relevante, levando delas uma nova lição aprendida sobre os camponeses, defendendo a necessidade de mudança de perspectiva sobre os outros setores congêneres de nossa população:

[Temos] de pensar o camponês como inovador, exatamente o oposto do que tem sido

pensado [...]. O caminho para refletir sobre o tema é o de examinar as transformações que modificam velhas relações sociais, que atenuam ou destroem a autoridade da cultura tradicional e que abrem espaço para a inovação cultural (MARTINS, 1989, p. 18).

Estavam dadas, segundo Navarro (2018, p. 63), as condições de inauguração da terceira fase da produção martiniana – que tem como demarcador o ano de 1994. Não por acaso, é o ano de publicação de *O poder do atraso* (MARTINS, 1994), livro no qual o nosso autor avança sua reflexão sobre as faces constituintes de nossa sociabilidade, destacando os móveis culturais e os comportamentos sociais que bloqueiam os potenciais avanços da sociedade brasileira. O texto entra, na visão do comentador, no rol das publicações que fazem parte do grupo seletivo de obras que interrogam profundamente o nosso país. E que fazem, enfim, a fundamental pergunta: "Por que somos assim?" (NAVARRO, 2018, p. 63).

Nesta nova fase, a militância política assessora dá lugar a um Martins de face mais pública, assumindo – assim como fez Florestan Fernandes, no terço final de sua vida – lugar relevante nas páginas dos nossos jornais impressos, com destaque para a diversidade temática das suas colunas em *O Estado de S. Paulo*. No campo da produção acadêmica, Navarro (2018, p. 65) identifica a tendência de queda nas publicações sobre os contextos rurais e, por consequência, o aparecimento de uma "vibrante produção sociológica" voltada a novos temas e outros ambientes.

Destacam-se, de um lado, os escritos de marca metodológica e teórica, nos quais Martins faz um importante balanço sobre a herança deixada pela "Escola Paulista de Sociologia", localizando o que considera sua singular contribuição. E, de outro, os textos que ampliam sua tentativa de abarcar a compreensão sobre a "sociabilidade do homem simples" brasileiro, inclusive tomando ele próprio como um exemplar. Produção, segundo Navarro (2018, p. 66), com grande ambição teórica e empírica, que acaba por coroar "anos de esforços analíticos, de pesquisa e produção científica em relação à sociologia da vida cotidiana".

Os textos revelam temas permanentes na procura sociológica de Martins, um processo teórico-metodológico de desvelamento do real iniciado muitos anos antes. Entre eles, por exemplo, destaco a crítica às noções "fechadas" de modernidade, que ignoram as vicissitudes históricas de uma sociedade como a brasileira. Ao discutir as muitas faces da modernidade nos casos da América Latina, Martins recupera a (também sempre presente) noção de temporalidade lefebvriana que marca a sociologia que nosso autor construiu em cinquenta anos de trabalho; ademais, a necessidade de abertura plural às diversas contribuições de escolas sociológicas e autores particulares (NAVARRO, 2018, p. 66).

Considerando a importância da periodização proposta pelo comentarista, aceitando dar um passo complementar ao exercício que Navarro (2018, p. 46) faz para esboçar a "exegese ampla" e detalhada (que, segundo ele, a sociologia de Martins ainda merece), o caminho metodológico que percorremos eleguemos, de cada uma das três fases, algumas de suas obras fundamentais que buscaram dar conta da *hipótese central* que regeu a leitura que fizemos sobre a "sociologia deste homem comum": que é, como já adiantado, identificar a tentativa martiniana de "explicar sociologicamente a sociedade brasileira", a partir de um ponto de vista epistêmico singular, que chamamos de "uma sociologia cultural dos simples" – salientando, ainda, que o possível e potencial desvendamento da "relação pedagógica entre indivíduo e sociedade" deste país capitalista periférico, na obra de Martins, é a comprovação de sua "irrepreensível lógica interna" (NAVARRO, 2018, p. 68), mesmo com tantos anos de ampla e diversificada produção.